

EM MEMÓRIA DE *LEONIDAS DE MELLO DEANE*

"Quando eu morrer
recolhe por favor os meus sonhos espalhados pelos cantos
e reconstrói meu corpo
com infinita paciência."

Pedra e Nuvem de Luisa Deane



Quando na manhã de 31 de janeiro último, em Teresópolis, recebi por telefone a notícia do falecimento de Leonidas, uma enorme sensação de perda apoderou-se da minha mente e do meu ser inteiro. Sabia da gravidade do seu estado de saúde porque o acompanhei dia-a-dia; assim, não era propriamente uma surpresa, era de fato uma indiscreta sensação de perda, a mesma que sua família e seus inúmeros amigos e discípulos estavam sentindo naquele momento e sentiremos pelo resto de nossas vidas. Estávamos mais pobres, sua família e seus amigos pela perda de um ente querido, o Brasil e o mundo pela perda de um SABER que não mais se encontra, e que “altamente lhe dói perder a glória”.

Embora avisado em tempo não fui aos seus funerais; queria preservá-lo em minha mente como o conheci há mais de trinta anos – lúcido, modesto, sábio e ativo dentro de sua aparente fragilidade. Reverenciei então a sua memória por alguns minutos e em meu silêncio, olhando a mata que me envolvia e que ele tanto amou, o vi com seu auxiliar de campo, como gostava de trabalhar, explorando-a em sua infinita curiosidade científica, capturando as raposas, os monos, os gambás e os quatis, do Ceará às matas amazônicas, dos parques florestais de São Paulo às bromélias de Santa Catarina, marcando os mosquitos com tintas fluorescentes para segui-los na escuridão com sua modesta lanterna. Experimentos simples cujo equipamento mais sofisticado era sua privilegiada inteligência que dotou o Brasil e o mundo de explicações claras e definitivas sobre o ciclo silvestre do calazar, da doença de Chagas e da malária, sua maior paixão.

A catarse não foi suficiente para dissipar aquela sensação que me oprimia; precisava comunicar-me para extravasar a emoção e o fiz, como de costume, por escrito, através de um telegrama a sua grande companheira e minha amiga Maria Deane, onde dizia que Leonidas continuava vivo nela, em seus descendentes e discípulos e pedia a Deus que os abençoasse. Tivemos no dia seguinte uma emocionada conversa sobre Leonidas e com os olhos marejados e poucas palavras nos compreendemos. Sai dali aliviado e com a missão de escrever estas palavras que não serão um “necrológio” porque a eles sou avesso, mas um resumo, um conto ou talvez até mesmo um “canto” da vida de quem tanto admirei.

Antes de apresentar os dados biográficos, gostaria de contar alguns episódios que pre-

senciei em nossa convivência que muito ilustram a personalidade de Leonidas Deane, extremamente generoso e modesto, mas muito ativo e enérgico em suas convicções.

Excepcional didata, lembro-me quando em 1963 estava em Londres e fui assistir uma conferência sua na London School of Hygiene and Tropical Medicine. Apresentado pelo Professor Garnham como um dos maiores parasitologistas do mundo, Leonidas inicia a sua conferência pedindo desculpas por não falar bem o inglês, quando na realidade falava melhor do que a maioria dos jovens ingleses que o ouviam.

Embora já o conhecesse desde 1958, somente em 1964 quando escrevia a minha tese de Docência Livre tive o meu primeiro encontro formal com Leonidas Deane, o mais citado dos autores no capítulo que escrevi sobre reservatórios silvestres do *Trypanosoma cruzi*. Aconselhado por José Rodrigues da Silva, o procurei na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para orientar-me sobre as técnicas de captura dos animais, isolamento do *T. cruzi* e outros detalhes que eu, como um jovem médico afeito apenas às atividades clínicas, não tinha nenhuma experiência. Posso então dizer com orgulho que Leonidas Deane foi o meu introdutor na pesquisa de campo, fato assinalado nos agradecimentos da mencionada tese. Recebeu-me com afabilidade e a sua simplicidade me encantou. Rodeado por livros e revistas, animais “taxidermizados”, coleções de triatomíneos, gaiolas e mapas onde estavam assinaladas as suas pesquisas de campo, seu escritório me deu a impressão de um mundo desconhecido, que a vida me ensinou depois ser o ambiente próprio dos grandes pesquisadores de campo. Disse-me modestamente que tinha feito “alguns trabalhos” sobre o assunto do meu interesse e pareceu admirar-se quando lhe falei sobre o foco silvestre de *T. cruzi* que eu queria reestudar em animais e triatomíneos das matas de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, quando na realidade este fato já estava bem caracterizado em seu excelente trabalho daquele ano *Animal reservoirs of Trypanosoma cruzi in Brazil*. Quando argüido por mim sobre pontos específicos do assunto, respondia-me como se também estivesse pedindo a minha opinião, entregava-me separatas de trabalhos seus e dava-me uma excelente aula sobre o assunto. Aquele homem de baixa estatura e expressão modesta, crescia e tornava-se um gigante em minha frente pela pro-

fundidade do seu saber, da mesma forma como o vi um ano antes na conferência da London School a que me referi.

Desde então o encontrei várias vezes em congressos e reuniões científicas no Brasil e no exterior e a cada encontro aumentava a minha admiração por ele e parecia-me que a minha presença também o agradava. Entretanto, somente em 1979, passamos a conviver mais intimamente, quando no Departamento de Parasitologia da Universidade de Carabobo, em Valência, Venezuela, então dirigido pelo nosso grande amigo José Witrimundo Torrealba, o visitei com a finalidade específica de convidá-los, a ele e a Maria Deane, para dirigirem respectivamente os Departamento de Entomologia e Protozoologia do Instituto Oswaldo Cruz. Marcamos então uma visita de ambos ao Rio de Janeiro para acertarmos detalhes funcionais e de contrato.

Lembro-me bem do dia em que os recebi na Diretoria do Instituto e os levei para conhecer as suas futuras áreas de trabalho. Maria preocupava-se com o pessoal, pensando em trazer algumas pessoas de fora, mas logo viu que os jovens do seu Departamento, se bem orientados, teriam uma grande potencialidade. A Entomologia, embora com dois ou três entomologistas mais experientes, tinha maiores dificuldades de estrutura, de diversificação da especialidade, e até de harmonia entre os três pequenos grupos que a compunham. Solicitei então ao Leonidas que se dedicasse ao preparo de novos entomologistas com formação fisio-epidemiológica, o que ele fez com grande maestria, durante os doze anos que participou daquele departamento, dez dos quais como seu Chefe (1980-1990).

Talvez nem o próprio Leonidas Deane, dentro de sua modestia, tenha tido a noção exata da influência de sua curta passagem pelo Instituto Oswaldo Cruz na formação de dezenas de jovens pesquisadores, entomologistas, parasitologistas e epidemiologistas, espalhados por todos os departamentos do Instituto, pelo Brasil inteiro, e por outros países cujos representantes por aqui passaram nesse período. Apenas para não deixar de citar alguns nomes gostaria de mencionar os que assinaram uma nota que muito me emocionou, publicada no *Jornal do Brasil* de 02.02.1993, sobre o seu falecimento, citando um lindo trecho do seu discurso quando do recebimento do *Prêmio Alte. Alvaro Alberto*, no Palácio do Planalto,

em março de 1992: “Nós, Ricardo, Teresa, Márcia, Goreti, Monique, Elizabeth, Sérgio, Mariângela e Carmem, vimos manifestar o pesar pelo falecimento do estimado mestre e amigo pelo qual tudo faremos para seguir o seu exemplo de vida e cumprir sua grande vontade”. O que mais um pesquisador pode esperar da vida do que uma homenagem destas depois da morte?

Na apresentação dos candidatos ao Prêmio Oswaldo Cruz 1980, aguardei até o penúltimo dia da inscrição para ver se algum pesquisador de Manguinhos era indicado. Já quase esgotando-se o prazo, havia apenas dois candidatos indicados, ambos do mais alto nível, porém de outras instituições, mas nenhum do Instituto Oswaldo Cruz.

Senti-me, como Vice-Presidente de Pesquisa desta Casa, moralmente obrigado a apresentar um candidato. Tinha meia dúzia de excelentes currículos, entretanto fixei-me naquele que me parecia, como ditavam as normas do prêmio, com maior contribuição no campo das doenças infecciosas e parasitárias.

Na justificativa que me foi pedido fazer perante o Conselho Técnico-Científico desta Fundação sobre a apresentação do candidato disse apenas: “Os três candidatos são igualmente merecedores do Prêmio Oswaldo Cruz, entretanto o Professor Leonidas de Mello Deane é o maior e mais completo parasitologista brasileiro em atividade e com uma grande folha de serviços prestados à saúde pública brasileira. Nessa Fundação, em menos de um ano, transformou, ao lado de Maria Deane, dois laboratórios que estavam arrefecidos e que foram no passado dos mais importantes desta Instituição – os de Entomologia e de Protozoologia – em Departamentos do maior relevo, entre os mais destacados”.

Estou absolutamente convencido de que o Presidente e o Conselho Técnico-Científico desta Fundação, ao conferirem o *Prêmio Oswaldo Cruz-1980* a Leonidas de Mello Deane, por sua vida inteiramente dedicada à pesquisa no campo das doenças infecciosas e parasitárias, honraram a memória do patrono da saúde pública brasileira, no transcurso do octagésimo aniversário do Instituto Oswaldo Cruz.

Leonidas Deane foi um dos mais premiados, pelo mérito, entre os pesquisadores brasileiros que conheci, a começar pelo *Prêmio Raul*

Leite, que lhe foi conferido em 1935, quando concluiu o curso médico na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, iniciado em 1930, obtendo o primeiro lugar em todas as séries do curso, como já havia feito no curso secundário, realizado no Colégio Moderno também em Belém do Pará. Lembrava-me recentemente Lobato Paraense, seu colega de turma nos primeiros anos do curso médico, que enquanto os seus colegas estudavam em notas de aulas e livros-textos comuns, Leonidas, além destes, resumia textos mais modernos e avançados comprados por seu pai, Leonard Eustace Deane, na Inglaterra e os ilustrava com excelentes desenhos, que serviam de apostilas para os demais colegas. Durante o curso médico encantou os seus mestres Acatauassú Nunes, professor de Microbiologia, e Aben-Athar, discípulo de Oswaldo Cruz e seu professor de Histologia e Patologia Geral, chegando a ser professor assistente de Microbiologia logo depois de formado em 1936.

Depois de ter trabalhado com Evandro Chagas no Pará, de 1936 a 1939, participou, de 1939 a 1942, da campanha de erradicação do *Anopheles gambiae* no nordeste, uma das mais bem sucedidas da história da saúde pública brasileira. De 1942 a 1949 volta à Amazônia como Chefe da Divisão de Malária do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). De 1950 a 1952 foi Chefe do Laboratório de Entomologia no Instituto de Malariologia no Rio de Janeiro.

A formação acadêmica de Leonidas Deane é uma das mais completas que tive a oportunidade de observar, porque foi feita sobre uma experiência já consolidada. Em 1944-45 obteve o *Master of Public Health* na Johns Hopkins University, complementado por um Curso de Entomologia e Parasitologia Humana da Universidade de Michigan, também nos Estados Unidos. Já pesquisador consagrado, fez em 1958 um Curso de Técnicas Entomológicas Avançadas na London School of Tropical Medicine and Hygiene financiado pela OMS, e em 1963 um treinamento em Protozoologia no Laboratório do Prof. P. C. C. Garnham, seu grande amigo e admirador, quando na realidade foi um "aluno-professor" naquele curso.

Convidado pelo saudoso Samuel Pessoa, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1953, como professor assistente e depois de uma brilhante Docência-Livre, foi promovido a professor

associado. A sua tese sobre reservatórios e transmissores do calazar publicada pelo Serviço Nacional de Educação Sanitária, em 1956, é um dos monumentos da literatura internacional sobre o assunto.

Na Universidade de São Paulo, onde ficou até 1970, desenvolveu uma das mais belas páginas da ciência brasileira, com os seus trabalhos e prêmios recebidos, entre os quais o *Prêmio Oswaldo Cruz-1955* da Academia de Medicina de São Paulo, compartilhado com Maria Deane, pelo melhor trabalho de pesquisa do Estado de São Paulo, e o *Prêmio Ciba de Medicina Tropical* em 1963, do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, pelo estudo sobre diferenças de constituição antigênica do *Trypanosoma cruzi*, em colaboração com Victor Nussenzweig e Judith Kloetzel. Recebeu ainda do Ministério da Saúde do Brasil as *Medalhas Carlos Chagas*, em 1959, e *Gaspar Vianna*, em 1962, respectivamente pela sua contribuição ao conhecimento da doença de Chagas e do calazar no Brasil.

A década de setenta foi muito rica na vida acadêmica de Leonidas Deane, tanto pelas suas publicações como pelas posições que ocupou no Brasil e no exterior: cientista visitante do Laboratório de Protozoologia do Imperial College of Science, em Ascot, na Inglaterra a convite do Prof. P. C. C. Garnham, com bolsa da Royal Society pela Inglaterra e do CNPq pelo Brasil (setembro a dezembro de 1970); Professor de Pós-graduação em Parasitologia na Universidade Federal de Minas Gerais (1971-1973); Professor Visitante de Protozoologia do Instituto de Medicina Tropical e Higiene de Lisboa (1975-1976); Professor Visitante de Parasitologia da Universidade de Carabobo, em Valência, na Venezuela (1976-1979). Membro do Comitê de Pesquisa da Organização Mundial de Saúde (1974-1977). Foi *expert* em doenças parasitárias da OMS durante 16 anos (1964-1980). Em 1974 recebeu a *Medalha do Jubileu* da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, pelo seu alto nível no campo da pesquisa e do ensino.

Entre os prêmios recebidos pelo Prof. Deane destacam-se o *Prêmio Moinho Santista-1986*, por sua contribuição ao conhecimento das doenças endêmicas no Brasil, o que ele particularmente mais gostava, segundo me disse em minha última visita em sua casa, poucos dias antes do seu passamento; o *Prêmio Alvaro Alberto* do Conselho Nacional de Pesquisa

para Medicina e Saúde Pública, que lhe foi entregue pelo Presidente da República, no Palácio do Planalto em março de 1992 e finalmente o *Prêmio da Academia de Ciência do Terceiro Mundo* para ciências básicas, que foi conferido ao casal Deane, em 1991.

Todos esses prêmios e medalhas que representam, em sua grandeza, a contribuição científica de Leonidas Deane ao Brasil e ao mundo, são ainda menores do que a gratidão dos seus colegas e discípulos, como a que está expressa em uma placa, acompanhada de uma linda carta, que lhe foi entregue em sua despedida do Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa. A placa tem a seguinte frase de Alexander Pope, que muito bem define a personalidade de Leonidas Deane e a admiração que despertava em todos que com ele conviviam:

“Mas onde está o homem que pode dar
conselhos;
Que gosta de ensinar e não desdenha aprender;
Que tenha um gosto seguro mas sem
limitações;
Conhecendo tão bem os livros como o gênero
humano;
Generoso na sua conversa e isento de orgulho;
Amante de elogiar e respeitando a razão?”

Oferecem aos Professores Leonidas e Maria com “A eterna gratidão de todos os que trabalham na Disciplina de Protozoologia do Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa” e assinam “Abranches/Antunes/Franccolina/Maria José e Maria Luiza, 25/05/76.

Durante o IV Congresso Internacional de Malária e Babesiose, realizado no Rio de Janeiro em 1991 lhe foi conferida a *Medalha Henrique Aragão* por sua contribuição ao conhecimento da malária, certamente uma das mais justas homenagens entre as que lhe foram prestadas. Aproveito este parágrafo para contar da escolha do seu nome para a conferência *Fred Soper Lecturer-1987*, a mais importante dos Congressos da American Society of Tropical Medicine and Hygiene. Esta escolha é feita na sessão de encerramento do Congresso dois anos antes, mediante a proposta de um relator previamente escolhido para analisar o nome dos candidatos. No caso eu estava presente ao Congresso, realizado em Miami, em novembro de 1985. O relator Professor e Editor Emérito do *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, Prof. Paul Beaver,

levantou-se e disse, para o meu orgulho de brasileiro: “Os quatro maiores malariologistas do mundo são os professores Leonidas Deane do Brasil, Arnoldo Gadaldon da Venezuela, Garnham e Bruce-Chawatt da Inglaterra. Pela sua grande experiência em campo, indico o nome do Professor Deane para a *VII Fred Soper Lecturer-1987*. O parecer foi aprovado por aclamação. No meu regresso comuniquei ao Deane e ele, parecendo não ter entendido bem, meneou a cabeça para um lado com um leve sorriso de encabulamento e disse-me apenas: “É...”. A conferência está publicada no *Amer. J. Trop. Med. Hyg.*, 38 223-239, 1988.

O ponto alto do Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, realizado em Belém do Pará em fevereiro de 1992, foi a conferência do Deane: *Malária no Brasil*. Durante duas horas, encantou uma platéia de mais de 500 pessoas, com uma magnífica palestra no salão principal do Centro de Convenções, quando sem uma nota, sem um slide, apenas com sua privilegiada memória, aos 77 anos, citou fatos, nomes, datas e lugares sobre a evolução dos conhecimentos em malária. No mesmo congresso recebia a placa em prata que dizia: “Ao Sócio Fundador Leonidas de Mello Deane pela inspiração e consolidação da Medicina Tropical no Brasil. Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, 30 anos. Fev/92”.

Leonidas, como diz a Maria Deane e sabemos todos os que o acompanharam ou que assistimos um dia uma de suas aulas, era um “contador de histórias”, histórias científicas que nos encantaram, crianças e adultos, cientistas e leigos. Acrescentava em suas conversas sempre um ensinamento, e por isso escolhemos a fotografia que ilustra esta homenagem: ele com os seus dois netos, Camilo, filho de Luisa, sua única e adorada filha, e Rodrigo, seu neto adotivo, embevecidos com a sua história, onde provavelmente falava das borboletas, seu ciclo de vida, o porquê de suas múltiplas e variadas cores ou de algo semelhante.

Leonidas Deane nasceu em Belém do Pará em 18 de março de 1914 e faleceu no Rio de Janeiro em 30 de janeiro de 1993. No início deste século, o inglês Leonard Eustace Deane deslocou-se para Belém do Pará a fim de trabalhar como contador da firma *Amazon River*, denominada posteriormente *Port of Pará* e nacionalizada mais tarde como Serviço de Navegação da Amazônia e Administração dos

Portos. Leonard, no calor daquela bela cidade de Santa Maria do Grão Pará, enamorou-se da paraense Helvécia de Mello com quem se casou e gerou os brasileiros Leonidas, Gladstone e Dolly – a única mulher da família e Percy, o mais jovem dos varões. Em 1913, Leonard Deane volta à Europa para viver na França. Marcado pela brasilidade dos anos que aqui vivera, ao perceber que sua mulher estava grávida, volta no início de 1914 para ver nascer como brasileiro o seu primogênito, Leonidas de Mello Deane.

É impossível resumir o *curriculum-vitae* de Leonidas Deane; assim, resolvi fazer uma breve história de sua vida científica, a qual é inseparável da de sua colega, esposa, conselheira e companheira de trabalho Maria José Von Paumgartten Deane, que com ele conviveu durante quase 60 anos e que, embora de temperamentos diferentes, se entrosavam quase que como “a mão e a luva”. O próprio Leonidas reconhecia que grande parte dos seus trabalhos tinha a colaboração, o incentivo ou a inspiração dela.

O resumo que Maria e Leonidas Deane fizeram em inglês de suas vidas científicas para o *Prêmio da Academia de Ciências do Terceiro Mundo* que lhes foi conferido em 1991 termina assim:

“We never made any great discoveries, but we are satisfied that our work “in the bush and

at the bench” has contributed to the understanding of the epidemiology of some endemic parasitic diseases, especially malaria, leishmaniasis and American trypanosomiasis, through a better knowledge of the parasites themselves, their reservoir hosts and vectors”.

O título de *Professor Honoris Causa* concedido a Leonidas e Maria Deane pela Universidade Federal do Pará, em 1987, deveria ser estendido para todas as universidades brasileiras e estrangeiras por onde eles passaram e semearam o seu saber.

Leonidas Deane publicou quase duzentos trabalhos durante os seus 56 anos de atividades científicas, os quais deverão ser listados e junto com o seu *curriculum-vitae* e com a auto-memória “Two parasitologists in the bush and at the bench” publicados nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, periódico do qual foi Editor de 1985 a 1989. Vários livros poderiam ser publicados sobre Leonidas, porém dois serão obrigatórios e sobre eles já discuti com Maria Deane: um sobre sua vida científica e outro sobre a sua vida artística – desenhista e caricaturista – grande figura da humanidade contemporânea.

Se o céu existe Leonidas Deane certamente estará lá e, se Deus o chamou, é porque precisava de um grande ministro e conselheiro.

J. Rodrigues Coura